

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (ICHS)**

**PEDRO LUCAS MORAIS LOBÃO**

**A ANAMORFOSE DE 90 MINUTOS: A FINAL DA COPA DO MUNDO  
DE 1986.**

**MARIANA-MG**

**2025**

PEDRO LUCAS MORAIS LOBÃO

**A ANAMORFOSE DE 90 MINUTOS: A FINAL DA COPA DO MUNDO  
DE 1986.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo

**MARIANA-MG**

**2025**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

L796a Lobão, Pedro Lucas Moraes.  
A anamorfose de 90 minutos [manuscrito]: a final da copa do mundo de 1986. / Pedro Lucas Moraes Lobão. - 2025.  
37 f.

Orientador: Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo.  
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Anamorfose (Percepção visual). 2. Copas do mundo (Futebol). 3. Utopias. 4. Ditadura. I. Araujo, Valdei Lopes de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94:796.332

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Pedro Lucas de Moraes Lobão**

**A Anamorfose de 90 Minutos: A final da copa do mundo de 1986.**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado.

Aprovada em 25 de agosto de 2025

### Membros da banca

[Doutor] - Valdei Lopes de Araujo - Orientador (UFOP)  
[Doutor] - Mateus Henrique de Faria Pereira - (UFOP)

Valdei Lopes de Araujo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Valdei Lopes de Araujo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/09/2025, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0983237** e o código CRC **AA4A3104**.

## RESUMO

Este estudo propõe a investigação e análise dos impactos e reverberações promovidas pelo evento esportivo, a Final da Copa do Mundo, ocorrida no dia 29 de junho de 1986, sobre a sociedade argentina. A premissa deste trabalho parte da concepção do poder dos esportes de promover conexões e fascínios com os telespectadores, elucidadas por Hans Ulrich Gumbrecht em seu livro “Elogio da beleza atlética”, para analisar as sensações e impactos promovidos pela final do mundial de 1986 realizada sobre a sociedade argentina, que se encontrava em um contexto histórico de recente redemocratização, após a vigência do regime ditatorial, nomeado de “Proceso de Reorganización Nacional”. Ademais, este trabalho busca construir sua narrativa histórica sobre esses fenômenos através da composição de uma Anamorfose de 90 minutos, inspirado pelo texto de autoria do historiador Daniel Faria “Anamorfose de um dia: 11 de dezembro de 1972”, procurando promover a construção de uma história a partir da temporalidade em que se realiza a partida da final do campeonato mundial de seleções entre Alemanha Ocidental e Argentina. Outrossim, reside neste estudo a necessidade de investigação sobre como essa partida, em especial, pode ter promovido uma sensação utópica dentro da sociedade argentina, que se encontrava instável, dividida, fragilizada e endividada.

**Palavras-chaves:** Anamorfose; Copa do Mundo; Utopia; Ditadura Militar.

## ABSTRACT

This study proposes to investigate and analyze the impacts and reverberations promoted by the sporting event, the World Cup Final, held on June 29, 1986, on Argentine society. The premise of this work is based on the concept of the power of sports to promote connections and fascination with viewers, as explained by Hans Ulrich Gumbrecht in his book “In Praise of Athletic Beauty.” It analyzes the sensations and impacts promoted by the 1986 World Cup Final on Argentine society, which was in a historical context of recent redemocratization after the dictatorial regime known as the “Proceso de Reorganización Nacional.” In addition, this work seeks to construct its historical narrative about these phenomena through the composition of a 90-minute Anamorphosis, inspired by the text, authored by historian Daniel Faria, “Anamorphosis of a Day: December 11, 1972,” seeking to promote the construction of a history based on the temporality in which the final match of the World Cup between West Germany and Argentina took place. Furthermore, this study investigates how this match, in particular, may have promoted a utopian feeling within Argentine society, which was unstable, divided, fragile, and indebted.

**Keywords:** Anamorphosis; World Cup; Utopian; Military Dictatorship.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Estruturalização dos sentidos/Contextualização.....</b>	<b>12</b>
<b>Anamorfose de 90 minutos .....</b>	<b>16</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>31</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>35</b>

## Introdução

A prática esportiva, que se configura como parte integrante do cotidiano dos indivíduos e da sociedade ocidental, atraindo multidões aos estádios e arenas, movimentando somas incalculáveis de dinheiro, alterando economias, mudando políticas públicas e aflorando paixões em bilhões de indivíduos, tem sua origem atrelada, a princípio, na cultura ocidental, ao advento das práticas esportivas na Grécia Antiga, “remontando a mais de dois milênios e meio atrás” (GUMBRECHT, 2007, p. 30).

O esporte, esse fenômeno que constitui a realidade na qual estamos inseridos, no entanto é, por vezes, relegado a um papel secundário nos escritos acadêmicos, que o utilizam como panorama e indicativo sobre práticas sociais e humanas, como a exemplo do sociólogo Norbert Elias que, em seu livro “A Busca da Excitação: Esporte e Lazer no Processo Civilizador” (ELIAS e DUNNING, 1992), traça a ideia que os esportes, mais especificamente em sua ascensão na modernidade, serviram como ferramenta para controlar e subjugar os corpos humanos, pensando nos esportes como instrumento de controle, não analisando o fenômeno dos esportes e suas reverberações como plano central de sua tese, assim como outros autores que se propõem à escrita da temática.

Hans Ulrich Gumbrecht, em seu livro “Elogio da beleza atlética” (GUMBRECHT, 2007), busca promover uma visão completamente inovadora e disruptiva frente à análise dos esportes, divergindo da comunidade acadêmica, que por diversas vezes se utiliza dos esportes de maneira superficial e secundária. Afirmação que é corroborada pelo autor “Quando intelectuais, mesmo que sejam intelectuais que adoram o esporte, aplicam aos eventos esportivos as ferramentas nas quais foram treinados, eles com frequência se sentem obrigados a interpretar o esporte como sintoma de tendências altamente desejáveis.” (GUMBRECHT, 2007, p. 27).

O historiador alemão, indo contra a corrente academicista de análise dos esportes e das práticas esportivas, promove, em seu livro, uma análise da instituição esportiva por si própria, não objetivando a utilização dos esportes como plano de fundo para debates a respeito da sociedade, mas sim empreendendo uma profunda análise e reflexão a respeito dos impactos promovidos por eventos desportivos. Em sua empreitada, Gumbrecht busca entender os sentimentos e as ferramentas que tornam possível o apelo e a conexão com o esporte, que leva milhares de espectadores à apreciação de um evento esportivo. Sentimentos e emoções, nomeados pelo autor como “fascínios” (GUMBRECHT, 2007), que são elencados, enumerados e exemplificados durante a obra com o intuito de entender a relação promovida

entre o esporte e seus torcedores. Outrossim, residindo como tese central de seu livro, Gumbrecht também busca trabalhar a ideia da necessidade de se pensar os eventos esportivos como belos, experiências que podem e devem ser contempladas assim como um concerto de ópera ou uma pintura renascentista.

A partir da concepção a respeito dos esportes, promovida por Hans Ulrich Gumbrecht, e dos fascínios que são “no sentido real da palavra - um fenômeno que paralisa os olhos, algo que atrai constantemente, sem indicar nenhuma explicação para a atração.” (GUMBRECHT, 2007, p.20), atraindo e cativando o público a eventos esportivos, os fenômenos dos esportes se consolidaram de forma potente e pujante, na sociedade atual. Nesse sentido, os eventos esportivos modulam as emoções, as paixões e as percepções dos torcedores, e o futebol, considerado o esporte mais popular do mundo (FIFA, 2009), tem papel fundamental na construção desses torcedores, movendo massas populacionais em prol de equipes e de campeonatos, tendo o supressumo da competitividade esportiva futebolística residindo na Copa do Mundo. Um evento esportivo ocorrido em intervalos de 4 em 4 anos e disputado por indivíduos que são selecionados para equipes, que representam as seleções nacionais de seus países.

A Final da Copa da Mundo se configura como o êxtase esportivo dentro das competições futebolísticas, movendo nações e sociedades que se unem em prol da torcida ao êxito esportivo de seus representantes, que carregam consigo, além das cores da bandeira nacionais de seus países em seus uniformes, as esperanças e expectativas de nações inteiras. Nesse sentido, tendo em vista o impacto ímpar propiciado por este evento esportivo sobre a sociedade e sobre os indivíduos, que têm o poder de alterar percepções e modular realidades, o objeto de estudo deste trabalho se debruça sobre a análise e apreciação da Final da Copa do Mundo ocorrida no dia 29 de junho de 1986, no Estádio Azteca no México, que promoveu a disputa entre as seleções nacionais da República Federativa da Alemanha, popularmente conhecida como Alemanha Ocidental, e da Argentina.

Ademais, como já supracitado o esporte, principalmente o futebol, tem o poder de evocar emoções, sentimentos, percepções e impactos que são exacerbados e potencializados quando circunscritos no “maior evento mundial da história do futebol que é a Copa do Mundo” (COSTA, 2022, p. 2). Nesse cenário, os impactos do evento esportivo sobre as duas seleções nacionais, seus torcedores e suas sociedades se configuram como algo estritamente particular e interessante. Contudo, neste trabalho, optamos focar nas particularidades, expectativas e experiências presenciadas pela nação argentina, não nos aprofundando nas

experimentações visualizadas e entendidas pela República Federativa da Alemanha, adversária da seleção sul-americana no torneio.

O cenário político e social vivenciado na Argentina no ano 1986 se mostrava extremamente conturbado (SANTANA, 2020). O país hispanohablante havia saído recentemente de sua última ditadura militar, nomeada “Proceso de Reorganización Nacional”, que governou o país entre os anos de 1976 a 1983 (CAPELATO, 2006). O regime ditatorial governou a Argentina com mãos de ferro, realizando torturas, assassinatos, desaparecimentos e perseguições políticas, promovendo um aparato de violência paralelo ao Estado, que fez milhares de vítimas durante o seu regime (FERNANDEZ, 2006.). Ademais, com o fim do governo militar, em 10 de dezembro de 1983, e com a transição democrática, Raúl Ricardo Alfonsín foi eleito presidente da Argentina, pelo partido “Unión Cívica Radical”, com 50% dos votos do eleitorado, com a promessa de julgar os militares pelos crimes cometidos.

Alfonsín, a princípio, buscou julgar tanto os militares quanto os grupos guerrilheiros, que representavam a resistência ao regime ditatorial, pelos crimes cometidos durante o período em que as Juntas Militares governaram a Argentina (CAPELATO, 2006). Entretanto, seu intuito recebeu fortes críticas dos órgãos internacionais de direitos humanos e das famílias das vítimas da ditadura pela tentativa de equiparação dos crimes cometidos pelo Estado e por suas vítimas, que buscavam a resistência ao governo vigente (NOVARO e PALERMO, 2007).

Deste modo, Alfonsin, frente às pressões nacionais e internacionais, buscou promover o julgamento exemplar das Juntas Militares participantes do governo criando, em 15 de dezembro de 1983, a “Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas”, CONADEP, com o intuito de investigar os crimes cometidos pela Ditadura Militar no país (NOVARO e PALERMO, 2007). O CONADEP, em apenas nove meses, recolheu testemunhos sobre milhares de desaparecimentos, assassinatos, torturas e campos de concentração (HILB, 2007). Os materiais memorialísticos pesquisados e agrupados pelo CONADEP deram origem a um documento intitulado “Nunca Más” (HILB, 2007), que serviram de evidências para abertura de 709 casos criminais contra os 9 militares que participaram ativamente do Governo Ditatorial no país.

O julgamento exemplar dos comandantes das Juntas Militares foi iniciado no dia 22 de abril de 1985, em Buenos Aires, sendo realizado pelos promotores Julio Strassera e Moreno Ocampos, contando com a participação de centenas de testemunhas que depuseram contra os ditadores e relataram as violências e torturas que sofreram durante o período da Ditadura Militar. O processo criminal levou a condenação a cadeia dos 9 militares, membros das Juntas que governaram o país, mas trouxe a insatisfação de toda a sociedade argentina, por um lado

os organismos de direitos humanos e as vítimas reclamavam punições mais severas aos ditadores e por outro, os simpatizantes dos militares reclamavam anistia aos chefes das juntas que, em sua concepção, salvaram a Argentina da ação subversiva (CAPELATO, 2006).

Nesse sentido, alocado nesse cenário de divisão social aguda, fragilidade política da democracia recém alcançada e economia nacional instável, que está circunscrita a participação da seleção Argentina na Copa do Mundo no México em 1986. Contudo, é importante salientar o questionamento a respeito de qual efeito esse evento esportivo em específico, a Final da Copa do Mundo, pode ter promovido sobre a nação argentina, quais transformações e emoções, os fascínios do esporte, como enuncia Gumbrecht, em seu livro “Elogio da beleza atlética” (GUMBRECHT, 2007), podem ter provocado nesta população. Ademais, é necessário compreender quais as ferramentas metodológicas tornam possíveis a formulação da narrativa histórica a respeito dos impactos promovidos pelo esporte frente a essa sociedade argentina dividida e fragilizada.

A difícil chave metodológica para a composição da narrativa histórica a respeito dos impactos e reverberações da Final da Copa do Mundo sobre a sociedade argentina, em 1986, é encontrada no texto “Anamorfose de um dia: 11 de dezembro de 1972”, (FARIA, 2015) de autoria do historiador Daniel Barbosa Andrade de Faria. Em seu artigo, o autor busca promover a escrita de uma história a respeito da ditadura militar no Brasil, mas, divergindo dos cânones acadêmicos e das estruturas normativas de escrita, ele busca realizar a escrita da sua narrativa histórica de forma bastante aberta e experimental, buscando a promoção de uma “história de um dia” (FARIA, 2015, p. 26), utilizando-se do dia 11 de dezembro de 1972, data escolhida aleatoriamente, não se configurando como um marco historiográfico, para a composição de sua narrativa.

O autor, inspirado pelo trabalho de Hans Ulrich Gumbrecht em seu livro “Em 1926: Vivendo No Limite do Tempo” (GUMBRECHT, 1999), em que o historiador alemão produz a construção da história de um ano, busca a promoção da história em um espaço temporal muito mais curto de tempo, se limitando a um dia e aos eventos que ocorreram naquele dia em questão para a composição de sua narrativa. Além disso, o autor utiliza como mote para a composição de sua história as cartas escritas por Honestino Guimarães, líder da União Nacional do Estudantes e fugitivo da Ditadura Militar Brasileira, confeccionadas no Rio de Janeiro no dia 11 de dezembro de 1972 e endereçadas a sua mãe que residia em Brasília. (MONTEIRO, 1998). O experimento narrativo realizado por Faria promove a composição da história sobre um viés diferente e inusitado, se utilizando de fatos encontrados por meio de pesquisas em periódicos e revistas, que ocorreram no dia 11 de dezembro de 1972, como por

exemplo o pouso da missão espacial Apollo 17 sobre a superfície lunar e a prisão de um aposentado, na Praça Mauá situada no Rio de Janeiro, por vendas de uísques nacionais em garrafas e rótulos de uísque importados (FARIA, 2015), para promover a composição de sua narrativa.

Contudo, diferentemente de Gumbrecht (GUMBRECHT, 1999) que, apesar de analisar o espaço amostral de um ano, consegue promover a construção virtual de uma história, por elencar códigos e dispositivos, promovendo a “construção de um cenário, um mundo habitável, reconhecível.” (FARIA, 2015, p. 23), ao se trabalhar com o espaço temporal de um dia, a tarefa de construção de um mundo reconhecível se mostra de difícil realização. O historiador Daniel Faria aduz a ideia que tal proposta, de se conseguir a promoção de uma realidade que pareça verossímil em um espaço de tempo tão restritiva se mostra uma tarefa árdua, pois um dia não se configura como espaço suficiente para se compor uma história que possuía início, meio e fim (FARIA, 2015).

Nesse sentido, Daniel Faria, com o fito de realizar a criação de sua narrativa histórica, se utiliza do termo “anamorfose” como ferramenta metodológica. A conceitualização de anamorfose “corresponde a um conjunto de operações, a princípio das artes plásticas, que consistem em arruinar a perspectivas, deslocando as formas para além de si mesmas, distorcendo-as, alongando-as e encurtando-as” (FARIA, 2015, p. 26). O historiador, transferindo esse conceito para as narrativas acadêmicas, opera essa conceitualização para realizar a escrita da história sob outra perspectiva, fugindo da estruturas normativas vinculadas aos textos acadêmicos, distorcendo a forma e observando a história sobre outra perspectiva, promovendo a construção de uma narrativa histórica a respeito da Ditadura Militar Brasileira focalizada no espaço temporal de um dia, mais especificamente o dia 11 de dezembro de 1972 (FARIA, 2015).

Ademais, inspirado pelos escritos de Daniel Faria, “Anamorfose de um dia: 11 de dezembro de 1972” (FARIA, 2015) e Hans Ulrich Gumbrecht, “1926. Vivendo No Limite do Tempo” (GUMBRECHT, 1999), busco realizar neste trabalho a composição da “Anamorfose de 90 minutos: A Final da Copa do Mundo de 1986”. Alterando o ponto de vista da narrativa histórica valendo-se da utilização da conceitualização de anamorfose, proposta por Faria, para formular uma história focalizada em um espaço temporal de 90 minutos, tempo da duração da partida da final da Copa do Mundo de 1986, com o fito de análise e entendimento a respeito da sociedade argentina no ano de 1986 e os impactos, transformações e reverberações proporcionadas pelo evento esportivo no país sul-americano, que se encontrava fragmentado, instável e dividido politicamente.

Outrossim, outro foco deste trabalho se tange pela análise a respeito de como este evento esportivo em particular, circundado no dia 29 de junho de 1986, pode ter produzido uma utopia, terminologia cunhada pela primeira vez por Thomas More no ano de 1516, (MORE, 2017), na população Argentina, alterando sua percepção temporal e o seu “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006) através da experimentação do evento esportivo. Além disto, este trabalho se utiliza, como arcabouço teórico, da noção de utopia promovida por Júlio Bentivoglio, em seu livro “História & Distopia: A imaginação histórica no alvorecer do século 21” (BENTIVOGLIO, 2017), em que o autor trabalha a ideia da utopia como um não lugar, empregando-se no campo academicista da história como construção de “passados felizes, lugares desejados, localizados, pacíficos e aceitos” (BENTIVOGLIO, 2017, p. 28).

Portanto, é nesse sentido, da produção de uma anamorfose de 90 minutos, buscando entender os impactos e os “fascínios” (GUMBRECHT, 2007), que o evento esportivo exerceu sobre a população Argentina, tendo como chave metodológica para produção da narrativa histórica de 90 minutos o conceito de anamorfose (FARIA, 2015), trabalhando em que sentido as experimentações desta população frente ao jogo podem ter alterado sua percepção temporal e seu “horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006), possibilitando a criação de uma “utopia” (BENTIVOGLIO, 2017), que este trabalho se propõe a realizar. Entretanto, antes de se iniciar análise frente ao jogo e a produção da Anamorfose, é imprescindível se entender como se fomentou “o espaço de experiência” (KOSELLECK, 2006), que compunha e estruturava a sociedade argentina em 1986.

### **Estruturalização dos sentidos/ Contextualização.**

A última ditadura militar argentina, nomeada Proceso de Reorganización Nacional, teve início no dia 24 de Março de 1976, com a deposição da presidenta em exercício María Estella Martínez de Perón, que assumiu a presidência após a morte do presidente Juan Domingo Perón. Perón assumiu o poder por vias democráticas em 1973 após o fim do regime militar imposto no país em 1966, fomentando um governo centralizador e populista na Argentina. Entretanto, em 1974, após a morte de Perón e a ascensão de Isabelita Perón ao poder, a Argentina entrou em uma profunda crise financeira, que refletiu fortemente na população do país, que, aliada a agitação popular, as revoltas em sindicatos e as ação de guerrilhas, tornaram a democracia argentina frágil e possibilitaram o golpe militar ocorrido

em 1976, encabeçado pelas três forças armadas sobre a figura central do general Jorge Rafael Videla, apoiado pela elite do país e pelo capital estrangeiro (NOVARO e PALERMO, 2007).

Ao assumir o poder a ditadura militar argentina, sob a persona de Videla, justificou sua intervenção militar em nome da moral cristã, da tradição nacional e da dignidade do ser argentino, promovendo a narrativa da necessidade de se acabar com a ação subversiva, com a corrupção e com o desgoverno (CAPELATO, 2006). Além de adotar para si um viés messiânico, que buscava retirar a Argentina do “ciclo vicioso” de sua história recente, composto por crises políticas e econômicas, governos militares inoperantes e consequentemente restauração de governos civis de caráter populistas (FICO, 2013). A ditadura militar também buscou promover diversas reformas na estrutura social e econômica argentina, mudanças essas, que possuíam um caráter liberal, conservador e desenvolvimentista. (FERNANDEZ, 2006)

Ademais, concomitante a esse processo foi institucionalizado a Doutrina de Segurança Nacional, que tinha como objetivo o extermínio da subversão no território argentino que, para os militares, estava atrelada aos grupos guerrilheiros peronistas e marxistas, se configurando como os seus principais expoentes o Ejército Revolucionario del Pueblo e o grupo Montoneras. A Doutrina de Segurança Nacional, inaugurou o Estado Terrorista Argentino, que possuía uma dupla face, uma pública submetida às leis e outra clandestina, à margem de toda legalidade (CAPELATO, 2006). Os aparatos coercitivos da Ditadura Militar atingiram fortemente toda a sociedade, promovendo torturas, assassinatos e sequestros em todo o país, além da criação de mais de 360 campos de concentração ilegais em quartéis, escolas e unidades penitenciárias, nas quais os mais diversos crimes contra a humanidade e contra os direitos humanos eram realizados.

Outrossim, apesar da diminuição significativa na atuação dos grupos guerrilheiros, a repressão da Ditadura Argentina somente se exacerbou durante o decorrer dos anos, atingindo não somente os peronistas e os marxistas, mas também intelectuais, clérigos, estudantes, sindicatos e qualquer indivíduo que o regime ditatorial julgasse como subversivo (NOVARO e PALERMO, 2007). Contudo, o regime ditatorial militar sofreu diversas resistências na sociedade argentina, encontrando-se alocados, principalmente, nos grupos de direitos humanos internacionais, que denunciavam os crimes cometidos pelos militares durante a ditadura, e no grupo conhecido como as “Madres de Plaza de Mayo”, que era um movimento composto por mães e avós que saíam às ruas reivindicando saber o paradeiro de seus filhos e netos desaparecidos e sequestrados durante o regime ditatorial (SANTANA, 2020).

Ademais, além das resistências de grupos de defesa dos direitos humanos, o regime ditatorial também enfrentava severos problemas econômicos, com o advento de uma gigantesca crise financeira, que gerou valores recordes de desemprego, quebra de bancos, estagnação da economia e o colapso do sistema cambial. Nesse sentido, com o crescente descontentamento da população, Jorge Rafael Videla renunciou à presidência e indicou Roberto Viola, em 1981, para o seu lugar, que foi substituído rapidamente por Leopoldo Galtieri em 1982 (FICO, 2013). Apesar das sucessivas trocas de presidência e dos inúmeros ministros, a economia argentina continuou em frangalhos e a repressão do regime se mantinha exacerbada. Nesse sentido, buscando prolongar a duração da ditadura, o governo militar buscou um inimigo externo para que pudesse unir a população, declarando assim, em abril de 1982, a guerra contra o Reino Unido pela supremacia do território das Malvinas, para os argentinos, e Falkland, para os britânicos.

A Guerra das Malvinas se configurou como um verdadeiro fiasco para o regime que, além de perder a disputa e a soberania sobre o território, que era de suma importância devido a sua importante localização geográfica, também viu o descontentamento com o governo crescer exponencialmente dentro do território argentino, que testemunhava cada vez mais resistências ao governo. Nesse cenário, após a derrota na guerra, Galtieri abandonou a presidência e indicou o general Reynaldo Bignone ao cargo (HILB, 2014).

A Junta Militar, sobre a persona de Bignone, prevendo a instabilidade do governo e o possível fim da ditadura elaborou, em 1983, a Lei da Auto-Anistia, que promovia a impossibilidade de julgar os militares por crimes cometidos durante o regime ditatorial, além de realizar a queima de documentações que poderiam comprometer o grupamento militar (NOVARO e PALERMO, 2007). Em setembro de 1983, devido às severas instabilidades e descontentamentos com o governo, a Ditadura Argentina chegou ao seu fim com a eleição de Raúl Ricardo Alfonsín para o cargo de presidente.

Ao assumir o poder, Alfonsín anulou a Lei de Auto-Anistia, promovida por Bignone e buscou condenar igualmente os guerrilheiros e os membros da Junta Militar, entretanto, tal medida provocou uma fervorosa indignação na família das vítimas e nos organismos de direitos humanos, pois equiparava os crimes cometidos pelo Estado Terrorista Argentino, aos crimes realizados pelos guerrilheiros. Diante desta repercussão negativa, Alfonsín buscou a promoção de um julgamento político exemplar dos líderes da junta militar, causando a insatisfação dos militares, que clamavam por um julgamento em tribunal militar, não por um tribunal cível. Entretanto, devido ao caráter dos seus crimes contra a sociedade, o pedido não foi atendido. (NOVARO e PALERMO, 2007)

Ademais, com o intuito de recolher provas afim de utilizá-las no processo, o presidente Raúl Alfonsín criou, em 15 de dezembro de 1983, a “Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas”, CONADEP, e em apenas nove meses recolheu testemunhos sobre milhares de desaparecidos, sobre a organização dos campos de concentração, sobre a forma na qual ocorria a política de desaparecimento, além de relatos de tortura e assassinatos, em toda a Argentina (HILB, 2014). O trabalho memorialístico produzido pela CONADEP foi compilado em um relatório intitulado “Nunca Más”, que serviu de fonte de evidências na abertura dos 709 processos contra 9 militares que participaram ativamente das Juntas que governaram o país durante o período ditatorial. (HILB, 2014).

No julgamento, iniciado em fevereiro de 1985, centenas de testemunhas foram ouvidas, algumas que retornaram do auto-exílio somente para testemunhar contra os militares, assim como diversos órgãos de direitos humanos internacionais. O julgamento dos militares foi transmitido na televisão argentina, entretanto, somente com alguns minutos de imagem, sem nenhum som, somente o veredito final foi transmitido ao vivo e com áudio.

O julgamento das juntas movimentou fortemente a sociedade argentina, pois expos, principalmente por meio do relatório Nunca Más, os diversos crimes contra a humanidade e sociedade cometidos e mostrou a classe média uma faceta da ditadura a qual nunca antes haviam visto, devido ao fato da repressão sempre se prevalecer sobre os mais pobres e ativos politicamente. Ademais, dos nove comandantes militares que foram a julgamento, somente cinco receberam condenações, sendo eles Armando Lambruschini, condenado a oito anos de prisão, Orlando Ramón Agosti, condenado a quatro anos e seis meses de prisão, Roberto Eduardo Viola, condenado a 17 anos de prisão, e Jorge Rafael Videla e Emilio Eduardo Massera, condenados à prisão perpétua (CAPELATO, 2006).

Entretanto, o julgamento das juntas militares, baseado no relatório do Nunca Más, não surtiu o efeito de pacificação pretendido por Alfonsín (CAPELATO, 2006). Por um lado os organismos de direitos humanos defendiam penas mais duras aos militares e o julgamento de militares de baixa patente pelos crimes cometidos e, por outro lado, uma ala da população ligada aos militares e a narrativa, na qual eles salvaram a Argentina da subversão, reclamava anistia aos mesmos (CAPELATO, 2006).

Portanto, é no centro desse cenário de redemocratização recente, em uma sociedade fragilizada e politizada, repleta de tensões sociais e com um passado traumático que ainda se fazia presente no cotidiano dos indivíduos que se dá a ocorrência da final da Copa do Mundo de 1986, sendo nesse contexto sensível no qual busco promover a análise do impacto dessa partida sobre o ser argentino.

### **Anamorfose de 90 minutos**

O dia 29 de junho de 1986, um dia comum no cotidiano da maioria dos 5 bilhões de habitantes do planeta Terra, número recém alcançado no ano de 1985, se configurou como o cenário de um grande evento esportivo, que modificou profundamente o horizonte de expectativa de duas grandes nações. No dia 29 de junho ocorreu no estádio Azteca, maior estádio do planeta, localizado na Cidade do México, a final da Copa do Mundo de 1986, que promoveu o duelo entre Alemanha Ocidental e Argentina, que disputavam o título do mundial.

O jogo promovia o duelo entre duas potências futebolísticas, ambas então já consagradas campeãs mundiais. A Argentina, capitaneada por Diego Armando Maradona Franco e a República Federativa da Alemanha, capitaneada por Karl-Heinz Rummenigge. As equipes chegaram à final com um grande ímpeto de vencê-la e de levar o troféu para sua nação, se encontrando em estado de mais pura concentração horas antes do início da partida, chegando pela manhã ao estádio Azteca para realizar o reconhecimento do gramado.

\*\*

O leitor mais ávido do El País, no dia 30 de junho de 1986, descobriria que a polícia de Paris havia prendido, na manhã do dia 29 de junho, o tunisiano Abdelkader Briket, de 32 anos, suspeito do homicídio por estrangulamento de uma das 14 idosas mortas em Paris nos últimos 6 meses. O suspeito alegou na delegacia parisiense que matou a vítima Alfreda Sarna, de 74 anos, com quem mantinha vínculos amorosos, após um desentendimento do casal no dia 23 de junho, entretanto não foi especificado se sua confissão indica que o crime aconteceu de forma passional ou premeditada.

A vítima, que era a número 14 da série de assassinatos de senhoras na capital francesa, aparentemente tinha relações regulares com homens mais jovens que ela e havia recentemente denunciado um roubo de 7 mil francos em sua casa. O caso foi associado à morte das outras 14 vítimas devido à semelhança dos eventos ocorridos, já que as idosas foram encontradas em suas casas, mortas por asfixia ou estrangulamento. Entretanto, Abdelkader Briket confessou apenas o assassinato de Alfreda Sarna, e as informações dadas ao jornal não especificaram se a polícia parisiense pretendia abrir investigação sobre sua participação nos outros 13 crimes cometidos no território francês. (EL PAÍS, 30 jun. 1986, p. 14).

É óbvio que o leitor do jornal El País não poderia saber, mas o responsável pelos assassinatos em série na capital francesa, Thierry Paulin, natural da Martinica, e apelidado

pela mídia francesa de “O monstro de Montmartre”, só seria preso em 1 de dezembro de 1987 após o assassinato de mais de 21 idosas em Paris.

\*\*

A disputa da Final da Copa do Mundo de 1986, protagonizada entre as seleções da Alemanha Ocidental e da Argentina teve início ao meio-dia, no horário local, e as 10 horas da manhã, horário de Buenos Aires. Através das imagens veiculadas pelo Canal 9, canal oficial de transmissão da Copa do Mundo em território nacional, toda a nação Argentina acompanhava a entrada dos atletas no monumental estádio. O meio de comunicação mesclava a apresentação e a entrada da seleção nacional com as imagens captadas das ruas da capital, que se encontravam em uma imensidão de vazios, onde nenhuma vida era encontrada nas vastas avenidas. Nenhum indivíduo, nenhum carro, nem mesmo animais eram vistos nas imagens captadas.

As pessoas se encontravam, em sua ampla maioria, reunidos em casa para acompanhar em comunhão o evento esportivo mais importante do mundo. Situação que é exemplificada pelas imagens reproduzidas pelo consagrado Canal 9 que mostrava, durante o início da transmissão, as imagens vindas diretamente da casa de Diego Armando Maradona, local onde o grupo televisivo acompanhava de perto os familiares e os amigos do craque, que aguardavam ansiosamente o renomado árbitro brasileiro Romualdo Arppi Filho dar início a partida que, assim como a família de Maradona, os mais de 25 milhões de espectadores argentinos aguardavam ansiosamente o começo da Final da Copa do Mundo. O clima que permeava toda a nação Argentina, sendo muito bem transparecido pelo Canal 9 através das falas do narrador oficial da Copa do Mundo, Víctor Hugo Morales, se conjugava em uma imensa alegria e orgulho pela seleção nacional estar presente e disputando uma final com tamanha importância, perpassava pela esperança da conquista do título, pela primeira vez em solo estrangeiro, e culminava na expectativa e no sonho de ser campeã.

A Seleção Nacional de Futebol Argentina adentrou ao palco da disputa da final, no estádio Azteca, ovacionada por milhares de adeptos, os sentimentos e as esperanças de toda a nação foram transportados e depositados nos 11 indivíduos que representavam não um clube, mas sim as cores da bandeira nacional. Os jogadores escalados pelo técnico Bilardo para enfrentar e personificar essa tarefa ímpar e decisiva foram o goleiro Pumpido, os defensores Brown, Cuciuffo e Ruggeri, os meio-campistas Giusti, Olarticochea, Batista e Hector Enrique, e os atacantes Burruchaga e Valdano. Além da principal estrela mundial da Argentina, o homem que tornou possível a participação da seleção na final da Copa do Mundo e que promoveu uma tênue reparação histórica contra a Inglaterra, pela Guerra das Malvinas,

nas quartas de final, “Foi mais do que tudo, vencer um país, não uma equipe de Futebol” (ALACERBES, 2000, p. 158), o camisa dez da seleção albiceleste, Diego Armando Maradona. Os televisores de toda a nação estavam focalizados naquele momento na partida, nos 11 indivíduos que carregavam, além das cores da bandeira nacional em seu uniforme, composto por azul e branco, a glória e o peso de representá-los.

O jogo se inicia ao som do apito do árbitro brasileiro Romualdo Arppi Filho, às 12 horas em ponto, no grandioso estádio que se encontrava em sua lotação máxima de 114.600 espectadores, com a equipe da Alemanha Ocidental disposta no canto direito do campo e a equipe sul-americana disposta no canto esquerdo. O pontapé inicial é realizado pela seleção europeia através do atacante Karl-Heinz Rummenigge, que toca para Lothar Matthäus, buscando distribuir o jogo no meio campo, mantendo a posse de bola e tentando acalmar o nervosismo que a Final da Copa do Mundo imprime sobre os atletas.

\*\*

Às 12 horas do dia 29 de junho de 1986, era iniciado o velório da jovem geóloga Rosa Beatriz Gouveia da Silva, de 33 anos, morta em uma ataque terrorista no Peru, atribuído ao grupo extremista Sendero Luminoso. Rosa Beatriz era uma ativista política, filiada ao PT, e fundadora do Centro de Informação Mulher (CIM), em 1979, e do Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde, em 1982. O corpo da jovem chegou ao Brasil no dia 29 de junho, em um voo pela manhã, na mesma aeronave que trouxe de volta ao território brasileiro o seu colega, Mário Sérgio de Melo, que sobreviveu ao ataque terrorista que explodiu uma bomba dentro do vagão de trem que fazia a linha Cusco-Machu Picchu, no dia 28 de junho de 1986.

O velório da jovem foi repleto de várias homenagens das entidades onde militou, desde a universidade em que se formou até o Partido dos Trabalhadores. O pai da vítima, Clemente Rodrigues da Silva, funcionário público aposentado de 72 anos, relatou ao Jornal do Brasil que perdoava o grupo terrorista pela morte de sua filha. (JORNAL DO BRASIL, 30 jun. 1986, p.7)

\*\*

A equipe alemã, logo no início da partida, já busca ferozmente o ataque e aos 2 minutos de jogo, lança a bola em direção ao gol sul-americano, visando pegar a defesa argentina desatenta, mas o cruzamento de Matthäus para a grande área é rapidamente repellido por Cuciuffo, que chuta a bola com ferocidade para longe de sua zona defensiva. O estádio pulsa a cada ação defensiva da seleção sul-americana, comemorando a destruição de uma possível chance de gol europeia. A Argentina, por sua vez, se utiliza do contra-ataque como forma de ameaçar o gol alemão, ação que tem êxito pela primeira vez, aos 7 minutos de

partida, nos pés de Burruchaga que finaliza no meio do gol, recuando a bola para o goleiro Schumacher, mas o lance é invalidado devido à posição de impedimento do atacante argentino. Situação que não modifica em nada o jogo, mas que proporciona um alívio à torcida da seleção albiceleste, que vê pela primeira vez o time reagir aos ataques bávaros.

Após o início avassalador da Alemanha Ocidental e os contra-ataques estridentes da seleção hispanohablante, o jogo tornou-se pragmático, passado o ímpeto inicial de marcar gols e o receio de levá-los ambas as equipes começaram a tocar a bola na defesa e no meio campo, nos primeiros 14 minutos de partida, buscando trazer certa dose de tranquilidade a disputa, que era permeada de tensão e nervosismo. Ambos os times permitiam o toque de bola do adversário, situação que só era interrompida quando a jogada chegava aos pés de Diego Armando Maradona, que era violentamente atingido com faltas alemãs, ação justificada, que residia no receio memorialístico das plásticas jogadas protagonizadas pelo camisa 10 nas quartas de final do mundial contra a Inglaterra, que levaram a eliminação da seleção europeia, risco que a equipe do técnico alemão Franz Beckenbauer pretendia não correr.

A partida se mantinha pacífica nos primeiros 15 minutos do primeiro tempo, com muitas poucas emoções, onde ambas as seleções atacavam parcamente a outra equipe. Entretanto, aos 16 minutos do primeiro tempo, a seleção bávara rompe o ostracismo do jogo se lançando ao ataque de forma abrupta e através de uma bela jogada, após um drible desconcertante, Rummenigge é derrubado a menos de um metro da grande área argentina, em um lance em que a Alemanha reclamava de pênalti, mas que Romualdo Arppi Filho marcou corretamente a falta fora da área.

Os ânimos do jogo, que se encontravam em passividade, se exacerbam quando o goleiro Pumpido, ainda no processo de montagem da barreira, recebe um chute no gol, deferido pelo meio campista Lothar Matthäus, que cobrou a falta rapidamente na intenção de surpreender o goleiro Argentino do River Plate, que defende o chute do jogador alemão. Entretanto, o juiz brasileiro apita e ordena a repetição da cobrança, devido à irregularidade da barreira, que se adiantou na tentativa de evitar o gol. Ação que gera revolta nos torcedores do estádio, no narrador da partida e principalmente nos jogadores da seleção sul-americana, que reclamam insistentemente com o árbitro, indignados com a marcação e o novo perigo de gol.

Maradona, inconformado com a nova marcação, reclama insistentemente com o árbitro sendo advertido com o cartão amarelo, aos 17 minutos do primeiro tempo. O camisa 10 se desespera com a punição aplicada, colocando as mãos sobre a cabeça e olhando para os céus, num gesto de incredulidade e desespero com a advertência recebida, que se funde à sensação de frustração com a péssima partida desempenhada, fruto da intensa marcação

alemã. A cobrança de falta é novamente realizada por Matthäus, mas dessa vez a bola bate na barreira Argentina e sobra para o defensor Brown, que a chuta violentamente para o campo de defesa alemão.

\*\*

O leitor mais habitual do Jornal do Brasil, possivelmente ligaria a morte da geóloga Rosa Beatriz Gouveia da Silva, no Peru, a onda de atentados terroristas promovidos pelo grupo maoista Sendero Luminoso que, no dia 28 de junho de 1986, explodiu mais de dezoito bombas na capital Lima, atingindo dois postos policiais, doze agências bancárias e três sedes do Partido Aprista. Os atentados, segundo as fontes policiais, se trata de uma desesperada escalda revanchista do grupo Sendero Luminoso, que se iniciou no dia 19 de junho de 1986 contra o governo Peruano. As ações do grupo são uma resposta à violenta repressão militar a três presídios em Lima e no porto de Callao, que geraram a morte de mais de 300 militantes do Sendero Luminoso nos presídios de Santa Barba, El Frontón e Lurigancho, depois dos motins ocorridos no dia 18 de junho de 1986.

O diretor das instituições penitenciárias, Manuel Aquezolo, garantiu aos jornalistas que os presos amotinados de Lurigancho não tinham armas, substâncias inflamáveis ou fortificações no interior do presídio e o complexo penitenciário não se configurava como uma fortaleza inexpugnável, contrariando os relatórios oficiais das forças armadas, os militares peruanos não se pronunciaram oficialmente à mídia sobre a ação violenta nos presídios. (JORNAL DO BRASIL, 29 de jun. 1986, p. 26)

\*\*

A partida novamente, a partir dos 18 minutos, se debruça sobre o ostracismo, no qual a Alemanha toca a bola em seu campo de defesa, mas que num lampejo de genialidade se altera, quando Enrique rouba a bola e a toca para Maradona, que a leva para a linha de fundo buscando promover um jogada de ataque e recebe, aos 21 minutos, uma falta violenta de Matthäus, que é advertido com o cartão amarelo, se retirando do lance com o semblante satisfeito, pois conseguiu parar o promissor ataque argentino.

A falta na lateral do campo é cobrada pelo camisa 7 da seleção argentina, Burruchaga, que lança a bola em direção à grande área alemã, cruzando toda a extensão da zona defensiva e passando por cima do goleiro Schumacher, que se atrapalha no lance ao sair do gol, a bola encontra o zagueiro argentino Brown, que a cabeceia, sem marcação, para o fundo do gol vazio. Aos 23 minutos do primeiro tempo o defensor, camisa 5, marca o primeiro gol da Argentina na Final da Copa do Mundo e comemora efusivamente com os seus companheiros, se ajoelhando e olhando para os céus, em uma imagem que pode ser interpretada como um

agradecimento divino, mas concomitante perpassa a noção de incredulidade sobre o que ele acabará de fazer, que é reafirmado quando ele passa efusivamente as mãos sobre o rosto, no intuito de verificar se aquilo não se tratava de um sonho. A Argentina vence, momentaneamente, o jogo por 1 a 0.

A seleção alemã recomeça o jogo, aos 27 minutos do primeiro tempo, tocando a bola no círculo central do campo porém, quando a partida é reiniciada, a seleção europeia demonstra um severo nervosismo, com jogadores consagrados mundialmente cometendo diversos erros, derivados do gol inesperado sofrido. Enquanto a seleção europeia se encontra em estado de desconexão e desatenção na partida, a seleção Argentina busca o ataque ferozmente, embalada pelas barras bravas, torcida organizada, que vibra a cada lance de perigo. Situação que faz o técnico da Alemanha Franz Beckenbauer transmitir extremo descontentamento e irritação para com seus jogadores.

Apesar do festival de ataques argentinos, com Burruchaga e Valdano, parados muitas vezes pelos defensores alemães e por posições de impedimento, o jogo realizado por Diego Armando Maradona, não corresponde às expectativas criadas sobre ele pela mídia esportiva e pelos aficionados. Situação, que é fortemente evidenciada pelo narrador da transmissão Víctor Hugo Morales, que crítica o baixo desempenho do jogador.

\*\*

Em carta recebida pela Casa Branca, na tarde do dia 29 de junho de 1986, endereçada ao presidente Ronald Reagan, o líder Soviético Mikhail Gorbachev afirma que está pronto para firmar um compromisso sobre os mísseis de médio alcance. Estados Unidos e União Soviética propuseram acabar com os mísseis de médio alcance na Europa, mas divergiram quanto ao que se fazer com os mísseis ingleses, franceses e russos, o presidente Reagan pediu que especialistas fizessem um relatório completo das propostas soviéticas sobre o assunto, para sua análise quando retornar das suas duas semanas de férias na Flórida. A proposta coerente é que Gorbachev poderia aceitar uma fórmula que permitisse ao Kremlin manter alguns SS-20 na Europa e na Ásia, deixando os Estados Unidos com alguns na Europa. (JORNAL DO BRASIL, 30 jun. 1986, p.7)

Os leitores mais assíduos do Jornal do Brasil, poderiam estar ávidos com a notícia da tratativa a respeito do fim dos mísseis nucleares de alcance intermediário na Europa, com as cartas diplomáticas trocadas entre Reagan e Gorbachev, no cenário da Guerra Fria.

\*\*

Aos 40 minutos da primeira etapa, a seleção alemã, vislumbrando a proximidade do intervalo e o perigo de ir para os vestiários em desvantagem, se desloca fortemente para o

ataque, tentando marcar o gol com chutes de fora da área, que são bloqueados pela defesa Argentina. Ação, que causa espanto na seleção sul-americana, que passa a se defender e a tentar manter a posse de bola, com o intuito de inibir as ações europeias e de concluir o primeiro tempo da partida com a vantagem no placar.

O sentimento de espanto, frente às ofensivas alemãs, conjugado com a sensação de urgência do término da primeira etapa do jogo, invade, além dos jogadores, o narrador da partida que, a todo momento, revela ao público o tempo restante para o fim do primeiro tempo. Sentimento que é obliterado, quando o árbitro Romualdo Arppi Filho apita o encerramento da primeira etapa para o alívio do narrador e dos jogadores argentinos, que concluem o primeiro tempo do duelo vencendo por 1 a 0 a seleção alemã.

A vitória parcial da Argentina no jogo da Final da Copa do Mundo é festejada pelos narradores da transmissão, que tecem diversos elogios ao jogo magnífico que a seleção promoveu contra a poderosa Alemanha. Afirmação endossada pela fala do narrador Víctor Morales, na transmissão: “Estos fueron los mejores 45 minutos de Argentina en el Mundial”.

O clima de alegria frente ao bom primeiro tempo não foi experimentado somente pelos narradores, mas também pela torcida, como transmitido pelas imagens do Canal 9 da Praça de Mayo e do Obelisco, em Buenos Aires, onde milhares de adeptos comemoravam a vitória parcial, gritando, pulando e hasteando bandeiras Argentinas. A transmissão também mostra imagens da casa de Diego Armando Maradona, local em que seus familiares e amigos, reunidos, comemoram a vitória parcial da seleção, situação que serve de exemplo das comemorações que foram realizadas em todos os lares argentinos naquele instante.

\*\*

Durante a tarde do dia 29 de junho de 1986, o senador americano ultraconservador da Carolina do Norte, John Porter East, de 55 anos, cometerá suicídio. O congressista estadunidense que dedicou grande parte de sua carreira política à luta contra o aborto, através da prerrogativa que desde a concepção o feto já se tratava de uma vida, e pela volta das orações às escolas americanas, suicidou-se na garagem de sua casa, em Greenville, na Carolina do Sul. Portador de poliomielite desde seus 24 anos de idade e utilizando uma cadeira de rodas para se locomover, o senador se trancou dentro da garagem de sua casa e ligou o seu carro, morrendo asfixiado por monóxido de carbono. O Congresso deixou um bilhete de suicídio, endereçado a sua esposa Priscila, que estava ausente em uma viagem de férias. Em sua carta, East culpava o seu médico pessoal, por não diagnosticar o seu hipotiriodismo, que acreditava ter roubado-lhe suas habilidades intelectuais. (JORNAL DO BRASIL, 30 de jun. 1986, p. 7)

\*\*

O segundo tempo da partida se inicia de forma bastante calma, diferentemente do início da primeira etapa do jogo. Aos 9 minutos do segundo tempo o lateral Brown, em uma disputa de bola, se machuca e cai em campo sentindo fortes dores no ombro esquerdo, deixando o gramado para receber atendimento médico e desfalcando a seleção nacional. Nesse instante, a Argentina joga a partida com 10 jogadores contra os 11 da Alemanha, situação que faz a seleção bávara crescer no jogo, promovendo ataques velozes e obtusos contra a meta adversária. O técnico Bilardo, mesmo com a lesão de Brown, não o substitui, entendendo a importância ímpar do atleta na partida, evento que promove o retorno do jogador número 5 ao gramado, mesmo ainda sentindo a lesão no ombro, como é expressado pelo narrador do jogo, Víctor Morales.

\*\*

O leitor do Jornal Clarin, do dia 30 de junho de 1986, compreendia que a decisão de permanecer em campo não foi tomada pelo técnico Bilardo, mas sim pelo defensor Brown, que em entrevista disse: “Senti um golpe muito duro no ombro. O médico da seleção, Madero, me disse que eu precisava sair e fazer uma radiografia da lesão, mas falei a ele que eu jamais iria deixar o campo em uma substituição. Para me tirarem do campo, só se eu eu estivesse morto” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 8, tradução nossa)

\*\*

O ímpeto da seleção europeia, criado no momento da diferença numérica de jogadores, se mantém mesmo com o retorno do defensor ao campo de jogo. A seleção Argentina se defende, mas os ataques do time europeu tornam-se cada vez mais perigosos. Nesse instante, a sensação de felicidade, pela vitória parcial, dá lugar à ansiedade e o autor do gol, Brown, ainda se mantém em campo mesmo machucado, defendendo todos os ataques adversários em uma personificação, quase perfeita, da expressão de raça futebolística, se doando inteiramente a possibilidade de vitória da Copa do Mundo. Os ataques alemães continuam a ser constantes, mas a seleção albiceleste neutraliza todas as tentativas de marcar da equipe europeia e se utiliza do contra-ataque para buscar fazer o seu segundo gol, gerando grandes lances de perigo em suas tentativas.

Aos 11 minutos da segunda etapa, em uma jogada genial de contra-ataque, Valdano dribla o marcador alemão e avança no campo de defesa, tocando a bola para Maradona, que observa Enrique livre no meio de campo e realiza o passe, pegando a defesa alemã desprevenida, o meio campista percebe Valdano correndo em disparada pela direita e lança-lhe a bola. O atacante, camisa 11, corre livre de marcação em direção ao gol, invade a

área e chuta rasteiro no canto esquerdo, sem chances de defesa para o goleiro Schumacher. Valdano marca o gol contra a poderosa seleção alemã e comemora efusivamente com o banco de reservas da Argentina e com o técnico Bilardo. O atacante nascido na pequena cidade de Las Parejas retira toda a nação da angústia promovida pelos ataques alemães e coloca a Argentina a poucos minutos do sonhado bicampeonato mundial.

A torcida comemora efusivamente o gol marcado pelo camisa 11 e a proximidade da conquista da Copa do Mundo, emoção que é compartilhada pelo narrador da partida que declara, “2 para el campeón mundial Argentina, cero para Alemania”, que é complementado por cânticos da torcida, no estádio Azteca, de “Vamos campeones”.

A vitória parcial da Argentina revelava uma seleção consistente, que agride com êxito a defesa alemã e inibe a seleção europeia de disputar o jogo, trazendo o sentimento de orgulho, alegria e união aos narradores e a torcida nacional, que é evidenciado pelos gritos de Víctor Morales de vamos “Nuestro equipo nacional”. A proximidade da vitória, do sonho do bicampeonato, age como um impulsionador naquela sociedade que presenciou a partida, onde a vitória em solo estrangeiro, feito inédito na história da seleção, se configura como uma utopia de grandeza que promove a felicidade, alegria e satisfação, sobrepujando e obliterando, momentaneamente, todas as mazelas nacionais da ditadura militar, que foram enfim vencidas.

\*\*

Apesar do sentimento de alegria, criado pela atmosfera do jogo e do narrador, o clima de insatisfação na Argentina se mostra pujante, é o que o leitor do jornal “A Tribuna”, poderia ler no dia 11 de janeiro de 1986. Em sua reportagem, o jornal traz o anúncio da greve geral de 24 horas, organizada pela Confederação Geral dos Trabalhadores, CGT, no dia 24 de janeiro de 1986. Os sindicatos reclamam da política sócio econômica adotada por Raúl Alfonsín, pedem um aumento salarial superior a 5% e o restabelecimento da lei de convenções coletivas de trabalho, proibidas desde 1976, para retornar à livre negociação dos salários. O Governo Nacional nega atender as exigências, que, segundo fontes ligadas ao governo, significariam o fracasso do Plano Austral, que se baseia no congelamento de preço e salários para controle da hiperinflação. (A TRIBUNA, 11 de jan. 1986, p. 17).

As greves gerais na Argentina, organizadas CGT, pedindo aumentos salários continuavam a ocorrer durante os meses que antecedem a disputa da Copa do Mundo de 1986, e no dia 29 de junho de 1986, o governo Alfonsín ainda negava o aumento salarial superior a 5% aos trabalhadores, recusando-se a descongelar os salários.

\*\*

A seleção alemã, imbuída da necessidade de diminuir a diferença no placar, lança-se ao ataque como resposta ao segundo gol sofrido. Após inúmeras tentativas de ataque, aos 29 minutos do segundo tempo, a seleção europeia consegue um escanteio pela esquerda, no lançamento do lateral Andreas Brehme, desviado pelo meio campista Erique para a linha de fundo.

O próprio defensor Andreas Brehme cobra o escanteio que encontra o atacante Voller sem marcação na entrada da área, que desvia a bola para a pequena área para a chegada de Rummenigge, de carrinho, para estufar as redes argentinas, deixando os marcadores e o goleiro Pumpido sem reação e concretizando o primeiro gol alemão. O atacante, camisa 11, marca o primeiro gol para a Alemanha e corre diretamente para o meio de campo, comemorando e tentando motivar os seus companheiros de equipe, acreditando na possibilidade do empate alemão na partida.

O otimismo e a esperança frente ao gol realizado levam a Alemanha a se lançar com pungência ao ataque, buscando empatar a partida da final da Copa do Mundo. A pressão alemã contra a seleção sul-americana estremece a confiança dos jogadores argentinos e da torcida sobre o inevitável título argentino, certeza que foi construída pelos dois gols de vantagem abertos na partida. O otimismo e grito de campeão dão lugar a sensação de angústia e de vulnerabilidade frente a vitória que parecia certa, sensação que é transmitida pelo narrador, que informa recorrentemente aos telespectadores os minutos que faltam para o fim da partida, e pelos jogadores, que começam a gastar o tempo para que a partida se encerre.

As disposições táticas das equipes se mantêm inalteradas, a seleção europeia ataca massivamente e a Argentina se utiliza dos contra-ataques rápidos. A melhor chance, após o primeiro gol alemão, é criada pelo país hispanohablante, aos 32 minutos, com Diego Maradona que em um lançamento do zagueiro argentino Ruggeri, recebe a bola em velocidade, pegando a defesa alemã desprevenida e avançando em direção a grande área, mas o camisa 10, após a tentativa de drible no defensor, perde a bola para o zagueiro alemão Jakobs, que se recupera no lance evitando uma ótima chance de Maradona marcar o terceiro gol Argentino.

\*\*

Quem lesse o jornal “A Tribuna”, no dia 30 de junho de 1986, descobriria que o Irã anunciou que o Iraque bombardeou, através da utilização de aviões, duas aldeias iranianas, provocando a morte de cinco pessoas e ferindo outras 28, na tarde do dia 29 de junho de 1986, após declarações do Iraque que os ataques recentes do Irã ao seu território poderiam iniciar uma nova “Guerra de Cidades”. Segundo a agência de notícias iraniana IRNA, os ataques do

Iraque provocaram a destruição de 8 casas, matando uma mulher grávida e cinco crianças com menos de oito anos.

Os ataques representam severos riscos à estabilidade política da região, podendo iniciar novamente a “Guerra de Cidades”, conflito disputado entre os países no ano de 1985, onde ambos atingiram indiscriminadamente alvos civis com bombas, artilharia e mísseis, deixando um saldo de 3 mil mortos. (A TRIBUNA, 30 jun. 1986, p. 11).

\*\*

A seleção alemã, obstinada a marcar o gol de empate, cruza bolas na área para que os atacantes Voller e Rumenigue busquem o cabeceio. Em um desses cruzamentos, aos 35 minutos de partida, o defensor alemão Briegel alça a bola em direção ao atacante europeu Dieter Hoeness, que tenta o cabeceio para o gol, mas é bloqueado pela zaga argentina, o goleiro Pumpido tenta pegar a bola, mas ela sai pela linha lateral, sendo assinalado escanteio.

Aos 36 minutos, da segunda etapa, o lateral Brehme cobra o escanteio pela esquerda, cruzando a bola em direção a grande área encontrando Rummenigge, que sobe no meio de todos os defensores argentinos e a cabeceia em direção do gol, mas a trajetória da cabeçada é alterada por Rud Voller, na pequena área, que desvia a bola de cabeça para o fundo das redes, sem marcação, deixando o goleiro Pumpido sem reação. O atacante alemão marca o gol de empate e corre em direção a torcida, com as mãos erguidas para cima em êxtase pelo gol feito e todos os jogadores alemães correm para abraçá-lo, que comemora de joelhos, apontando para os céus, em um processo de incredulidade e agradecimento ao divino pelo gol que acabará de marcar.

A torcida alemã, no estádio Azteca, vibra intensamente com o gol da seleção nacional e os narradores argentinos do Canal 9, sem acreditar no empate, transmitem com voz de apatia o gol realizado pela Alemanha, quase em um processo de autoanálise, rememorando a montanha russa de emoções que o jogo promove, enquanto assistem o título mundial escapar diante dos seus olhos, contrastando com os gritos de “Argentina es campeona del mundo” pronunciados no princípio do segundo tempo.

\*\*

O leitor do Jornal do Brasil, no dia 12 de janeiro de 1986, seria informado sobre a pujante crise econômica enfrentada pela sociedade argentina, o país que já havia sido a sétima maior economia do mundo, não ocupava lugar nem entre as 50 maiores economias do planeta. O Produto Interno Bruto, PIB, da Argentina é duas vezes menor que todas as somas das riquezas produzidas pelo Estado de São Paulo. O parque industrial argentino, que produzia mais da metade de todo cimento feito na América Latina, e foi desativado durante o Regime

Militar por meio da política de desindustrialização, deixou uma lacuna enorme na economia do país.

O país tem hoje menos fábricas e menos operários do que há dez anos atrás, a participação percentual da indústria na composição do PIB é praticamente a mesma de 1934. E, apesar do Plano Austral, implantado pelo presidente Raúl Alfonsín, a fuga de capital e de pessoas para países como Brasil, Colômbia e Chile é rotineira. (JORNAL DO BRASIL, 12 jan. de 1986, p 12).

A crise econômica noticiada em 12 de janeiro de 1986, ainda se mostrava forte em 29 junho de 1986, apesar das inúmeras tentativas do governo Argentino de controlar a inflação, promover a industrialização e o investimento de capital estrangeiro no país, através do Plano Austral.

\*\*

A seleção Argentina reinicia o jogo no meio de campo e já busca o ataque, tentando marcar e dar uma resposta ao doloroso empate sofrido, mas o lance passa sem perigo a meta de Schumacher. As ações ofensivas da Argentina não animam o narrador da partida, que abatido pelo empate sofrido, muda a postura de sua narração, adotando um tom melancólico, e passando a elogiar a equipe alemã por sua disciplina e perseverança, elucidando como o time funciona bem, entretanto, no momento de sua fala, o narrador é interrompido.

Aos 39 minutos do segundo tempo, em uma bola disputada no meio campo, Maradona em uma jogada genial, marcado por 4 jogadores adversários, lança a bola para Burruchaga que, livre de marcação, a conduz desde o meio campo em altíssima velocidade, invade a zona defensiva alemã e com muita tranquilidade chuta no canto inferior direito, na saída do goleiro alemão Schumacher, que nada pode fazer no lance. O atacante, camisa 7, marca o gol e comemora efusivamente de joelhos, apontando os dedos para o céu, sendo abraçado por todos os seus companheiros, que festejam efusivamente a finalização bem sucedida de Burruchaga. O gol marcado leva o narrador da partida e a torcida no estádio Azteca à loucura, que pulsa, grita e comemora o desempate propiciado por Burruchaga, deixando de lado a frustração, a impotência e o sentimento de tristeza promovido pelo empate e voltando sonhar com o título, com a utopia que se anuncia da Argentina campeã da Copa do Mundo, sentindo presente cada vez mais a iminente conquista.

Burruchaga percorre, velozmente, 40 metros e marca o gol que faz a Argentina sorrir novamente, aos 39 minutos do segundo tempo. O sentimento propiciado pelo gol de Burruchaga, a euforia promovida, reforça a ideia que a seleção nacional não deve ceder

novamente o empate, como ocorrido minutos antes, ela deve ser resiliente para que a utopia heroica se transforme em concretude no imaginário coletivo do povo argentino.

O narrador do Canal 9, que cobre a final da Copa do Mundo, em um movimento de desespero e receio, frente a possibilidade de fuga do título, inicia a contagem dos segundos que ainda restam para que a seleção nacional da Argentina se sagre campeã do mundo. Enquanto o sentimento corrente nos espectadores sul-americanos é de tensão e de percepção temporal dilatada, na qual os segundos parecem eternidades, o adversário, a Alemanha, banhada pela necessidade e imediatismo, se lança totalmente ao ataque, na esperança de empatar novamente a partida. Entretanto, todas as tentativas de bolas lançadas na área e finalização da equipe europeia são defendidas e obstruídas pelos defensores argentinos, ação que leva os espectadores no estádio Azteca à loucura, a cada jogada destruída.

O grito de campeão mundial aguarda ansiosamente o fim da partida para ser liberto, enquanto a sensação utópica se alastra do campo das ideias e das sensações para a concretude, no decorrer dos minutos percorridos pelo cronômetro do jogo. O narrador do Canal 9, Víctor Hugo Morales, informa ao público, a todo instante, os minutos necessários para o encerramento da partida, em um momento de exacerbação dos sentidos, mostrando-se indignado com o brasileiro Romualdo Arppi Filho, quando o responsável pela arbitragem não apita o fim do jogo aos 45 minutos do segundo tempo, possibilitando mais um ataque alemão. O desespero é sentido por ambos os adversários, os argentinos em busca da conclusão rápida da partida e os europeus, em busca do gol de empate, em uma tentativa de postergar o jogo e coibir a vitória Argentina. Contudo, as tentativas de marcar um gol e igualar o placar são infrutíferas e aos 47 minutos do segundo tempo, após um lançamento do lateral Brehme, buscando um último ataque, o árbitro brasileiro apita o fim da partida, às 14 horas da tarde, horário da Cidade do México.

\*\*

As 14 horas, do dia 29 de junho de 1986, o chefe do Estado Polonês Wojciech Jaruzelski, iniciou o seu discurso na abertura do 10º Congresso do Partido Unificado Operário Polonês (POUP), em sua fala, que se alongou por quatro horas de duração, o líder soviético na Polônia anunciou que está em estudo a proposta de aplicação de anistia aos presos políticos, dada a restauração da ordem e da estabilidade política no país, uma vez aberto o processo de normalização política, com a imposição da lei marcial de 13 de dezembro de 1981. Acompanhado pelo líder da União Soviética, Mikhail Gorbachev, o mandatário do governo polones discursou sobre os diversos objetivos alcançados desde julho de 1981, quando o país esteve à beira de uma guerra civil, dentre os triunfos alcançados o líder socialista deu enfoque

a superação da existência do sindicato Solidariedad, “hoje decapitado e marginalizado na sociedade”, como indicou Jaruzelski. O líder polones ainda declarou, em Varsóvia, que “está se abrindo um novo período na construção do Socialismo na Polônia”

A presença de Mikhail Gorbachev na Polônia tem como intuito fortalecer a imagem de Jaruzelski frente o governo polones, além de prestigia-lo pela imposição da normalização política que o Kremlin considera essencial em sua fronteira ocidental, que foi alcançada através da implementação da lei marcial. O líder soviético polonês anunciou a anistia devido a situação atual do país, que se “caracteriza pela compreensão, pela consolidação e pela decomposição dos grupos anti-estatais”. Realidade que torna possível a “condições para suavizar as medidas legais contra aqueles que cometeram certos crimes”, dando anistia a prisioneiros políticos, contanto que eles sigam a ordem constitucional, relatou Jaruzelski durante o congresso. (EL PAÍS, 30 de jun. 1986, p. 22. tradução nossa)

\*\*

A Argentina se sagra campeã às 14 horas e ao som do apito de encerramento da disputa, um grito ensurdecido permeia a transmissão do Canal 9, oriundo dos torcedores do estádio e também da equipe de transmissão, que fazia a cobertura do evento esportivo. “Um grito de Argentina campeã” que é modulado pela voz embargada do narrador televisivo, que carrega consigo a incredulidade e a emoção frente ao êxito alcançado pela seleção nacional.

Os jogadores argentinos caem em campo, em prantos com a conquista, enquanto a torcida invade o gramado em um momento de euforia e comunhão com os atletas, abraçando-os e suspendendo a distinção entre os jogadores e torcedores, que comemoram como se fossem participantes ativos do plantel de jogadores que tornaram-se campeões do Mundo. O narrador, Víctor Hugo Morales, narra efusivamente a conquista enquanto fala os nomes dos 22 jogadores que fizeram parte do elenco campeão, sendo acompanhado por gritos de Argentina, que ressoam pelo estádio Azteca, enquanto a câmera da transmissão focaliza na bandeira nacional Argentina, que tremula com ao vento.

Os atletas da Argentina são cercados por uma multidão de repórteres que invadem o campo buscando registrar fotografias dos principais jogadores, em especial de Maradona e Bilardo, responsáveis pelo título mundial. Ao mesmo tempo que milhares de papeis picados das cores da seleção, azul e branco, são despejados do teto do Estádio Azteca, criando uma atmosfera única, que celebra a vitória Argentina.

As imagens televisivas mostram as comemorações na Plaza de Mayo e no Obelisco, em Buenos Aires, onde milhares de argentinos reunidos comemoram a conquista do bicampeonato mundial, encabeçado por Diego Armando Maradona, que tem seu nome gritado

e exposto em bandeiras e outdoors na capital argentina. A população sul-americana imbuída pela concretização daquela utopia, que foi experimentada em diferentes graus durante o jogo, moldado por uma montanha russa de emoções, perpassando pela euforia da abertura dos dois gols de vantagem, que se transformou em desilusão, pelo empate sofrido, e posteriormente recebe tonalidades de alegria pelo gol marcado por Burruchaga, vai às ruas para festejar, balançando bandeiras, subindo em automóveis e gritando efusivamente Argentina campeã.

O povo se uniu e se aglutinando cada vez mais, saindo de suas residências onde assistiam ao jogo e indo em direção aos principais espaços públicos de Buenos Aires, consolidando a utopia, através do evento esportivo, que por um instante venceu as mazelas sociais e promoveu o espírito de união na sociedade. Sentimento, que é elucidado pelo narrador Víctor Hugo Morales através da frase “Hoy nadie es blanco, negro, o amarillo, todos son celestes y blancos, son argentinos” e é reafirmada pela população cantando e pulando todos abraçados na Plaza de Mayo.

Após as comemorações em campo, se dá início o evento de realização das entregas das medalhas de campeão e a entrega da Taça da Copa do Mundo a seleção Argentina. O evento de consagração dos campeões é realizado em um púlpito, localizado nas arquibancadas do imponente Azteca, na qual diversas autoridades mexicanas, como o presidente dos Estados Unidos Mexicanos, Miguel de la Madrid, e o presidente da FIFA, o brasileiro, João Havelange, aguardam para parabenizar e premiar os campeões.

Os jogadores se dirigem ao local da celebração em fila indiana e a cada um deles lhe é conferida a medalha de campeão, o primeiro a receber a honraria é o camisa 10 da seleção argentina Diego Armando Maradona, que juntamente da medalha recebe a Taça da Copa do Mundo, pelas mãos do presidente Mexicano. Maradona ergue o troféu sobre sua cabeça e beija-o, mantendo os olhos fixos na taça, um gesto singelo e simbólico entre o atacante e a materialização de seu maior êxito esportivo, transmitindo aos telespectadores da cena, o sentimento de intimidade criado entre ambos que, apesar de rodeados de indivíduos, transparecem a ideia de se encontrarem sozinhos, longe de distrações, coexistindo somente em virtude um do outro, duas entidades que foram concebidas para aquele momento se completando uniformemente.

\*\*

O leitor do Jornal "Clarín", no dia 30 de junho de 1986, pode compreender as festas realizadas em Buenos Aires, no dia 29 de junho de 1986. O editorial argentino elucidada como uma grande festa eclodiu ao final da partida, o título da Argentina na Copa da Mundo do México foi comemorado por pessoas de todas as idades, a cidade de Buenos Aires estava

tingida de azul e branco, e as ruas estavam repletas de pessoas alegres, o Obelisco voltará a ser o centro unificador das pessoas na cidade. Situação que não ocorria desde o início do regime ditatorial no país, em 1976.

A noção transmitida pelo jornal se configurava como um grande momento de união do povo argentino, “foi emocionante como, por algumas horas, por um dia, os desconhecidos parecem se conhecer. Como se esqueceram de tudo e não se lembraram de nada além da Argentina campeã.” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 21, tradução nossa)

Não havia trânsito nas ruas da capital, simplesmente porque todas as ruas estavam fechadas por pedestres. A população se reuniu nas ruas e nas avenidas de Buenos Aires pelas comemorações, não havia nenhum decreto, que conjugava a massa de homens aficionados por futebol, mulheres que nunca pisaram em um estádio na vida e vendedores, que comercializavam bandeiras e cornetas para os torcedores. (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 21, tradução nossa)

\*\*

### **Considerações Finais**

A obra do autor Daniel Faria, “Anamorfose de um dia: 11 de dezembro de 1972” (FARIA, 2015), se configurou como o mote principal para promoção da narrativa histórica “Anamorfose de 90 minutos: A final da Copa do Mundo de 1986”, que busca analisar como os eventos esportivos, ocorridos no dia 29 de junho de 1986, impactaram a população argentina alterando suas percepções, vivências e experimentações. A utilização do artigo para a realização do estudo a respeito deste fenômeno se deu, em grande medida, pelo emprego da categorização de anamorfose, promovida pelo autor para compor sua narrativa sobre a ditadura militar brasileira, sendo fruto de um empreendimento bastante “aberto e experimental” (FARIA, 2015, p. 22), como salienta Faria em seu texto.

A escolha pela categoria de anamorfose em vez da utilização de “história de um dia” (FARIA, 2015, p. 26), no empreendimento do autor, se tange pelo fato de sua composição narrativa não se configurar como um projeto ingênuo, que busca detalhar cronologicamente todos os eventos que ocorreram durante o dia 11 de dezembro de 1972, mas sim formular a produção de uma história, “que não sendo uma literatura, é composta por uma mescla de pesquisa e composição poética.” (FARIA, 2015, p. 26). Nesse sentido, o atual trabalho se utiliza da ferramenta metodológica empregada pelo autor para a promoção da “Anamorfose de 90 minutos”, que não se configura como uma enumeração dos fatos que ocorreram no

período de realização de uma partida de futebol, em 29 de junho de 1986, mas sim, da composição de uma narrativa poética a respeito do evento esportivo e dos inúmeros mundos que se constituíram no mesmo período de tempo.

O uso da ferramenta metodológica da anamorfose possibilita a criação de uma narrativa histórica que se distancia das produções academicistas cotidianas, distorcendo e modulando as construções temporais, e criando uma nova perspectiva temporal para a realização da narrativa histórica. Entretanto, a utilização desta conceitualização suscita uma problemática que também é encontrada por Daniel Faria em seu artigo. Ao se trabalhar com um espaço de tempo reduzido, como o de 90 minutos, “a ordem do possível tende a se esfalecer, no sentido que não temos campo o suficiente, ou mundo narrado, para preencher algum cenário” (FARIA, 2015, p. 24). Portanto, a criação de uma história que pareça verossímil se torna um empreendimento árduo, pois é a continuidade que faz de um conjunto eventos um mundo histórico reconhecível (FARIA, 2015).

Ademais, a utilização da temática da Final da Copa do Mundo de 1986, como plano de fundo para a composição desta “Anamorfose de 90 minutos”, é empregada em virtude da inspiração promovida pelo livro “Elogio da beleza atlética” (GUMBRECHT, 2007), de autoria do historiador alemão Hans Ulrich Gumbrecht. Em seu trabalho, o autor busca promover uma análise acerca dos esportes e das instituições esportivas por si próprias, não objetivando a utilização dos esportes como plano secundário para promoção de indicativos a respeito de aspectos sociais e humanos, mas sim promovendo a narrativa de como os esportes possuem a potencialidade de promover uma conexão entre o atleta e o espectador, modulando realidades, criando laços afetivos e evocando emoções.

Nesse sentido, partindo das considerações teóricas esboçadas por Gumbrecht acerca dos esportes e dos “fascínios”, que os eventos esportivos promovem sobre o torcedor, me utilizo da categorização de “espectador dionístico”, que consiste no torcedor que tende a “abandonar totalmente a individualidade e o distanciamento e a entrar em comunhão tanto com os outros espectadores, como com a energia que emerge da ação a que eles estão acompanhando”(GUMBRECHT, 2007 p. 149). Com o fito de compreender as experimentações e as reverberações provocadas pelo evento esportivo, a final da Copa do Mundo de 1986, sobre a sociedade argentina e entender sua possível produção utópica sobre a população.

O historiador Júlio Benvoglio, em seu texto “História & Distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século XXI” (BENTIVOGLIO, 2017), elucida a ideia que o conceito de utopia se configura como um não lugar, que reside, invariavelmente, em uma

temporalidade que se encontra alocada no interstício entre o presente e o futuro. As utopias promovem a construção de mundos “felizes, lugares desejados, localizados, pacíficos e aceitos” (BENTIVOGLIO, 2017, p. 28), que se enveredam pela composição imagética de lugares que são melhores que os presenciados e vivenciados no mundo real. Neste sentido, faz-se necessário o entendimento a respeito dos impactos e reverberações oriundos da conquista da Copa do Mundo sobre a população argentina e sua possível fomentação utópica sobre essa sociedade.

O Jornal Clarín, em sua edição do dia 30 de junho de 1986, demonstrava como se deram os festejos nas ruas de Buenos Aires após a conquista do título da Copa do Mundo, o periódico relatava como uma grande festa eclodiu após o apito final da partida, que consagrou a Argentina bicampeã mundial. O título foi comemorado por um multidão de pessoas, de todas as idades, que “arreatadas por um contágio sublime, voltaram-se para o Obelisco, que mais uma vez voltou a se tornar um ponto de convergência inevitável” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 21, tradução nossa).

As comemorações se deram em larga escala e o sentimento pronunciado pela conquista se conjugava por uma alegria sublime, pelo êxito esportivo alcançado, e pelo retorno do orgulho de ser argentino, como narrado pelo jornal Clarín, “Temos que resgatar o que sentimos que é nosso. Temos que resgatar cada grito sincero de "AR-Gen-Ti-Na", cada efusão libertadora de paixão em simples expressões alegres, cada bandeira das infinitas que a cidade tinha em azul e branco.” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 21, tradução nossa). Além disso, o periódico também pronunciava que a celebração da vitória na Copa do Mundo e o retorno da dignidade do ser argentino deveriam ser comemorados, apesar dos passados traumáticos vivenciados por aquela sociedade, devendo ser celebrados “acima do sangue, acima da morte, acima da destruição e das balas.” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 21, tradução nossa).

Os festejos impulsionados pela conquista da Copa do Mundo proporcionaram na sociedade argentina, no dia 29 de junho de 1986, uma suspensão de seus problemas sociais, econômicos e políticos, como é esboçado pelo periódico Clarín “Foi emocionante como, por algumas horas, por um dia, os desconhecidos pareceram se conhecer. Como se esqueceram de tudo e não se lembraram de nada além da Argentina campeã.”(CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 21, tradução nossa). Promovendo, desta forma, a concretização de uma utopia, proporcionada por um evento esportivo, que obliterou as mazelas sociais e uniu novamente a população em prol do êxito esportivo de sua seleção nacional.

Contudo, a consolidação e concretização dessa utopia, que possibilitou a construção de um mundo de união e de supressão das mazelas sociais que compunham o “espaço de experiência” (KOSELLECK, 2006) da sociedade argentina, se configurou como algo efêmero. O Jornal Clarín, no dia 30 de junho de 1986, noticiava que as comemorações da conquista do título mundial e o espírito de união entre os torcedores foram rapidamente obliterados por uma batalha campal entre vândalos e policiais, que resultaram em “Três mortos, um número indeterminado de feridos e mais de cem prisões” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 24, tradução nossa). O periódico Clarín, relata que os problemas se iniciaram duas horas após o início das comemorações, no centro de Buenos Aires, onde uma gangue quebrou a vitrine de uma loja especializada em artigos de couro e saqueou todas as mercadorias das prateleiras, resultando nas primeiras prisões policiais na comemoração do título. As ações criminosas, que começaram no centro de Buenos Aires, se espalharam rapidamente por todos os bairros da cidade, onde “vândalos saquearam estabelecimentos comerciais, incendiaram carros e atacaram pedestres.” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 24, tradução nossa), sobrecarregando as forças policiais do município e obrigando a paralisação do transporte público, frente às inseguranças promovidas pelas ações criminosas.

Os criminosos, organizados em gangues, espalharam o terror pelas ruas da capital, “invadindo vários bares e cafés, roubando os pertences dos clientes, quebrando janelas de carros para roubar tudo e surpreendendo muitos transeuntes, deixando-os sem carteiras e relógios”. (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 24, tradução nossa). A polícia argentina, em resposta às ações criminosas, utilizou gás lacrimogêneo e balas de borracha para afugentar os vândalos, mas sua atitude serviu também para expulsar a multidão de pessoas que comemoravam a vitória no Obelisco.

Os eventos traumáticos, ocorridos no Obelisco e nas ruas da capital argentina, sedimentaram o fim da utopia efêmera, que foi iniciada pela partida de futebol, na final da Copa do Mundo de 1986, e teve seu término alocado nos confrontos entre a polícia e os vândalos, que afugentaram a multidão de torcedores e “mancharam a celebração do título.” (CLARÍN, 30 de jun. 1986, p. 24, tradução nossa).

## Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria: El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina**. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

A TRIBUNA. Peronistas marcam greve geral contra Alfonsín. **A Tribuna**, Santos, 11 jan. 1986. 1º Caderno, p. 17.

\_\_\_\_\_. Ataques do Iraque causam morte e destruição no Irã. **A Tribuna**, Santos, 30 jun. 1986. 1º Caderno, p. 11.

BENTIVOGLIO, Julio. **História & Distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século XXI**. São Paulo: Paco Editorial, 2017.

CAPELATO, Maria Helena. **Memória da ditadura militar argentina: um desafio para a história**. Clio. Revista da Pós-Graduação em História da UFPE. Recife: Editora da UFPE, 2006.

CLARÍN. Estallido popular. **Clarín**, Buenos Aires, 30 de jun. 1986. 1º Caderno, p. 21.

\_\_\_\_\_. Sólo muerto Salía. **Clarín**, Buenos Aires, 30 de jun. 1986. 1º Caderno, p. 8.

\_\_\_\_\_. El ataque a un payaso. **Clarín**, Buenos Aires, 30 de jun. 1986. 1º Caderno, p. 24.

COSTA, Alyssa Nunes Bruacato. **Identidade Nacional: Argentina na Copa do Mundo de 1986, com Diego Maradona**. 2018. 40 f. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação: esporte e lazer no processo civilizador**. Lisboa: Difel, 1992.

EL PAÍS. O suposto estrangulador de uma das 14 idosas assassinadas em Paris foi preso. **El País**, Madrid, 30 jun. 1986. 1º Caderno, p. 14.

\_\_\_\_\_. Jaruzelski “dá” anistia a presos políticos. **El País**, Madrid, 30 jun. 1986. 1º Caderno, p. 22.

FARIA, Daniel Barbosa Andrade de. **Anamorfose de um dia: 11 de dezembro de 1972**. In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis: ANPUH, 2015.

FERNANDEZ, Jorge Cristian. **A Argentina 1976-1983: Extermínio Organizado de uma Nação**. Porto Alegre: Comissão de Acervo da Luta contra a Ditadura, 2006.

FICO, Carlos. **Violência, trauma e frustração no Brasil e na Argentina: o papel do historiador**. Topoi: Revista de História, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 239-261, jul./dez. 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: Vivendo no Limite do Tempo**. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HILB, Claudía. **A virtude da justiça e seu preço em verdade: Uma reflexão sobre os julgamentos das Juntas Militares na Argentina à luz da Comissão da Verdade e Reconciliação da África do Sul**. Novos estudos. - CEBRAP, São Paulo, n. 99, p. 107-118, July 2014.

JORNAL DO BRASIL. Geóloga paulista morta em atentado no Peru é sepultada. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1986. 1º Caderno, p. 7.

\_\_\_\_\_. Gorbachev propõe a Reagan acordo para reduzir euromísseis. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1986. 1º Caderno, p. 7.

\_\_\_\_\_. Senador se suicida. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1986. 1º Caderno, p. 7.

\_\_\_\_\_. Sandero explode 18 bombas em Lima para vingar seus mortos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1986. 1º Caderno, p. 26.

\_\_\_\_\_. Favelas, assaltos na Argentina: Sinais de decadência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 jan. 1986. 1º Caderno, p. 12.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Maas. Rio de Janeiro: Contraponto / EdUERJ, 2006.

MONTEIRO, Maria Rosa Leite. **Honestino. O bom da amizade é a não cobrança**. Brasília: Da Anta Casa Editora, 1998.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de Paulo Renato de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAUJO, Valdei Lopes de. **Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI**. Vitória: Milfontes, 2019.

SANTANA, Mariana Aparecida de Oliveira. **Entre tempo e narrativa: memórias da última ditadura argentina (o processo de reorganização nacional)**. Revista de la Carrera de Sociología, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2017.